



A MONOGRAFIA NA GRADUAÇÃO

Valéria Freire de Andrade¹
Maria Madalena Silva de Assunção²

RESUMO: O presente artigo é resultado da experiência das autoras no trabalho em orientação de monografias na graduação do curso de Psicologia da unidade São Gabriel da PUC Minas. Ele tem como objetivo oferecer uma referência para os alunos de graduação que se deparam com a tarefa de escrever seus trabalhos monográficos de fim de curso, bem como para os professores de graduação que se dedicam ao complexo trabalho de orientação de monografias. Além disso, o artigo traz uma discussão sobre a pesquisa como princípio educativo na graduação e as possibilidades de integração entre ensino, pesquisa e extensão por meio do trabalho monográfico. É apresentada ainda a possível e pródica articulação entre disciplinas, estágios e práticas de extensão na elaboração e na escrita da monografia na graduação.

MONOGRAFIA

O que é:

A monografia é um trabalho delimitado, estruturado e desenvolvido em torno de um único tema, devendo partir do interesse do aluno. Monos (um só) graphein (escrever). Assim sendo, é um texto essencialmente analítico, em que o objeto é um tema, originário de um problema bem delimitado em extensão, de forma a permitir o aprofundamento do estudo. Além disso, o texto monográfico deve trazer em si a marca de um pensar reflexivo, pois do contrário transforma-se em um mero relatório descritivo do procedimento da pesquisa ou compilação de obras alheias.

Como monografia pode-se entender todos os escritos de cunho científico, tais como monografias de graduação ou pós-graduação *latu-senso*, dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Porém há que diferenciá-las, pois assim como toda tese de doutorado é uma monografia, nem toda monografia é uma tese de doutorado.

Salomon (2001) vai fazer a seguinte distinção:

Monografia no sentido *strictu* identifica-se com a tese, consistindo no tratamento escrito de um tema específico que resulte de pesquisa científica com a finalidade de apresentar uma contribuição relevante, original e pessoal à ciência.

Monografia no sentido *lato* é todo trabalho científico que resulte de pesquisa, tais como: dissertações de mestrado, os informes científicos, os papers, e obviamente, a própria monografia de graduação, ou seja, o tratamento escrito aprofundado de um só assunto, de manei-

¹ Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. valeriefreireandrade@gmail.com

² Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. mariamadalenabhz@gmail.com

ra descritiva e analítica, em que a reflexão é a tônica. Implica muito mais um trabalho de extração do que de produção de conhecimento, o que não quer dizer que se trata meramente de compilação de trabalhos e textos de outros autores. Assim envolve uma meticulosa investigação do assunto, exame crítico, avaliação e interpretação do material encontrado.

Objetivos da monografia

Dessa forma, a monografia da graduação é uma atividade pedagógica que visa despertar o espírito de busca intelectual autônoma, sendo antes de tudo, exercício, preparação.

É importante não confundi-la com o uso escolar que tem se dado a esse termo, e que implica em um trabalho com o tratamento de um tema bem definido, porém sem a necessária investigação que a precede.

Etapas que antecedem a escrita da monografia

A monografia pode ser considerada como o relato de uma investigação científica, devendo para isso ser precedida de um projeto de pesquisa no qual se delimita bem a questão ou o problema a ser investigado, bem como o quadro teórico de referência da pesquisa e também a natureza e os procedimentos da investigação, se pesquisa bibliográfica ou estudo empírico, dentre outras.

Assim sendo, a monografia é sempre resultado de um trabalho de pesquisa realizado pelo aluno a partir de seu interesse e da pertinência do tema em relação ao curso. Não há monografia sem pesquisa científica.

Estrutura da monografia:

A estrutura da monografia segue a uma necessidade lógica. Introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução deve-se situar o leitor quanto ao tema tratado. Assim devem constar os seguintes aspectos:

- Delimitação do assunto;
- Justificativa da escolha do tema;
- Objetivos;

- Referencial teórico/metodológico subjacente à pesquisa;
- Procedimentos adotados (fontes, problemas, hipóteses, técnica de coleta e análise de dados) de forma bem sucinta, pois tais questões serão discutidas na parte metodológica no corpo do desenvolvimento da pesquisa;
- Limitações à realização do trabalho (causo hover);
- Explicitação do conteúdo sintetizado de cada capítulo

A introdução pode ser, mas isso não é regra, (pois depende do estilo de cada aluno, ou pesquisador), escrita no fim do trabalho, quando já se tem a noção do todo. Porém, muitas pessoas, preferem escrever uma introdução antes de iniciar o trabalho, mesmo que seja provisória, pois através dela vislumbra-se a estrutura do trabalho como um todo, sendo muitas vezes a oportunidade de perceber a organização do trabalho e a seqüência a ser tomada no corpo do desenvolvimento. Além disso, a escrita da introdução pode ser o “empurrão inicial” que detona toda a escrita do trabalho.

O desenvolvimento é a parte na qual se discute o problema em questão. Para isso ela discute o objeto da pesquisa em articulação com os fundamentos teóricos que o sustentam. Assim sendo o desenvolvimento traz os capítulos teóricos da monografia. Importante ressaltar que os conceitos, as teorias, devem se articular em função do objeto da pesquisa. Assim sendo, nessa parte da monografia interessa muito mais articular conceitos e teorias do que trazer meramente o resumo ou reprodução de pensamentos dos teóricos utilizados de forma abstrata e sem articulação com o recorte investigado pelo pesquisador.

A parte do desenvolvimento deve conter ainda a apresentação e análise dos dados, explicitando os passos realizados no sentido de sua resolução, ou seja, como a metodologia proposta foi se realizando e que descobertas ela foi possibilitando, utilizando para isso o quadro referencial da pesquisa articulado com os dados coletados. Assim, o desenvolvimento se organiza em divisões e seções, que variam em função da natureza do assunto tratado e dos procedimentos adotados na coleta e análise dos dados.

A conclusão é o fecho do trabalho, portanto possui a característica de síntese e, quando procedente, de generalização. Proporciona uma organização sintética das discussões realizadas no desenvolvimento, acompanhada de considerações e reflexões acerca do objeto estudado. Ela contém ainda a análise e avaliação do trabalho e as propostas de novos problemas, novas questões que possam surgir no desenrolar da pesquisa, bem como aponta questões que restaram para um próximo trabalho, respostas ou análises não realizadas. Além disso, é inte-

ressante fazer também uma análise relativa ao percurso do pesquisador no fazer da pesquisa, apontando atravessamentos e vicissitudes que sempre aparecem na construção de qualquer trabalho de pesquisa. Isso é importante para que a pesquisa seja contextualizada e desmistificada. Assim, concluir um trabalho não é simplesmente colocar um ponto final. Ao final de uma monografia tem-se a impressão de que muita coisa ficou sem resposta, porque frequentemente surgem outros problemas e indagações no caminhar da investigação.

É importante ressaltar que o trabalho de orientação de monografia é um trabalho atravessado por um constante reconstruir, refazer, pois o processo de construção do conhecimento se dá na interação entre professor e aluno e deve-se respeitar o processo do aluno, porém “puxando-o” sempre para um estágio mais elaborado de formulação conceitual e escrita. Dessa forma é um trabalho árduo e constante, envolvendo um “corpo a corpo” por vezes desgastante com o aluno, que muitas vezes e principalmente na fase inicial do trabalho não entende muito bem ainda a proposta da pesquisa na graduação, acostumado que está a fazer trabalhos de compilações e resumos sem apreciação crítica ou articulação entre autores.

A MONOGRAFIA NA GRADUAÇÃO

É interessante notar que em muitos dos livros destinados a ensinar os estudantes a fazerem monografias, os autores se referem a suas próprias considerações como úteis para ajudarem os estudantes a se desembaraçarem dos trabalhos monográficos de final de curso, como se eles fossem um fardo ou mais uma obrigação sem sentido colocada pelos professores. Tal não é a concepção que deve nortear o trabalho da monografia na graduação.

Assim tomaremos a pesquisa na graduação como possibilidade de eixo norteador em dois sentidos: primeiro no que se refere ao processo ensino aprendizagem, portanto em um eixo relativo ao aluno, ou melhor, à relação professor/aluno e às concepções de aprendizagem implícitas nessa relação. Segundo, como eixo instrumental possibilitador de uma articulação entre disciplinas teóricas e práticas, além de promover também a articulação entre pesquisa, ensino e extensão.

Tomando como referência as concepções de Pedro Demo sobre pesquisa e educação, podemos afirmar que a pesquisa na graduação tem como função muito mais o princípio educativo do que o científico, porém tal fato não significa abrir mão da elaboração de um trabalho acadêmico de qualidade. Isso significa que a realização da monografia na graduação está muito mais vinculada a uma proposta relativa a uma concepção de ensino aprendizagem do que a uma produção científica *strictu-senso*. Assim sendo, o “espírito” da pesquisa deve perpassar

todo o curso, como atitude processual diante do desconhecido. O princípio do educar pela pesquisa parte do reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se. Com isso a relação entre professor aluno e o conhecimento passa a ser uma relação de investigação, busca movida pela curiosidade e desejo de saber, construção e reconstrução de conhecimento, ao invés de um mero ensinar o que já está pronto. Assim sendo o que conta é aprender a aprender, pois no mundo atual a velocidade de informação e produção de conhecimento não permite mais a mera transmissão e reprodução de conteúdos em sala de aula, uma vez que eles já estão sendo recriados, questionados e transformados no momento mesmo de sua transmissão. Assim, a elaboração de uma monografia trabalha essencialmente a capacidade de busca autônoma do conhecimento e, acima de tudo, atitude crítica frente às informações oferecidas em um ritmo alucinante no mundo contemporâneo.

Tal ponto de vista afeta também a concepção que se tem de pesquisa e elaboração monográfica, pois, nessa visão, elas não podem ser consideradas atividades destinadas aos gênios e privilegiados da academia. Há que se desmistificar a pesquisa, reconhecendo a sua inserção na prática acadêmica cotidiana, para além de todos os virtuosismos que cercam a pesquisa científica. A pesquisa como princípio educativo significa uma atitude cotidiana de relação com o saber pautada na investigação e problematização da realidade e sua articulação com as teorias estudadas em sala de aula. Assim sendo, a monografia deve ser feita com o apoio das disciplinas do curso ao qual o aluno pertença, de preferência a partir da análise conjunta com o professor orientador de projetos de pesquisa. Além disso, seria interessante que a monografia tivesse relação com alguma atividade prática desenvolvida pelo aluno, seja ela uma atividade de estágio ou uma atividade de extensão.

A partir daí já adentramos o segundo eixo norteador da pesquisa na graduação, que se refere à articulação das disciplinas do curso, bem como à articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Como disciplina instrumental – pois fornece subsídios instrumentais para a elaboração de uma atividade investigativa – a orientação de monografia é uma disciplina relativa a um meta-conhecimento, ou seja, implica um profundo questionamento sobre as diversas formas e diversos caminhos para a produção de conhecimento. Dessa forma, as disciplinas relacionadas a metodologia de pesquisa são como aquelas receitas de bolo (receita aqui tomada não no sentido de um caminho único e fixo a seguir, mas como formas e possibilidades de realização e criação de misturas, de experimentações), a partir das quais pode-se fazer bolos de qualquer sabor, é só substituir o conteúdo da xícara receitada para alcançar o sabor desejado. Assim sendo, as disciplinas de conteúdo fornecem para a elaboração da monografia o estudo e apro-

fundamento nas teorias necessárias: o sabor do trabalho; e concerne à disciplina de monografia fornecer as receitas para a mistura. Portanto, um aluno que, por exemplo, queira entender a questão da inserção social do louco, deve procurar subsídios teóricos na disciplina Psicopatologia e também na Psicologia Social, no que se refere ao papel da sociedade e da cultura na constituição da subjetividade. Temos assim que a elaboração da monografia possibilita (e deve haver por parte do corpo docente um esforço nesse sentido) a articulação entre as disciplinas de conteúdo e instrumentais, uma vez que os conteúdos teóricos “recheiam” e alimentam as indagações impulsionadoras da pesquisa, bem como servem de quadros de referência para a articulação e resolução das questões propostas. Em contrapartida, a atitude investigativa requerida pela elaboração da monografia reflete na curiosidade e na postura crítica com a qual o aluno busca o estudo das questões teóricas e conceituais propostas pelas disciplinas de conteúdo.

Uma outra articulação possibilitada pela inserção da monografia como princípio educativo na graduação é entre as disciplinas de ordem prática, como os estágios ou práticas extensionistas. Tais disciplinas visam colocar o aluno em contato com o seu campo de atuação, portanto possibilitam uma inserção e contato com a realidade, a partir da qual surgem indagações e questionamentos férteis para a atitude investigativa e reflexiva proporcionada pela pesquisa. Além disso, tais práticas possibilitam a articulação entre as teorias, a realidade e a pesquisa que são integradas na elaboração da monografia.

Outra questão que não pode deixar de ser mencionada é a função da monografia em relação à integração entre ensino, pesquisa e extensão. O ensino possibilita o acesso às inúmeras fontes de informação, articulando e sistematizando os conhecimentos e delimitando o objeto do curso em questão. A extensão promove a interação dos sujeitos com a realidade profissional e social, apresentando-lhes conflitos, dúvidas e situações problemáticas inerentes à inserção na prática profissional. A pesquisa alimenta-se das duas atividades e em contrapartida integra-as através da elaboração da monografia, na qual as indagações advindas do contato com a realidade são articuladas e pensadas à luz das teorias e conhecimentos adquiridos pelo ensino. Ou ainda, através da monografia sistematiza-se e reformulam-se conceitos e conhecimentos para que melhor possam atender às intervenções na realidade. Em suma, já é jargão comum dizer que a pesquisa é a integração entre teoria e prática. Tê-la como princípio educativo fornece o eixo necessário para que essa articulação aconteça durante todo o curso. Tal concepção não toma a monografia simplesmente como um trabalho de final de curso, elaborado às pressas e sem a realização de uma pesquisa prévia. Portanto é necessário que a pesquisa atravesse todo o curso, desde os primeiros períodos e esteja constantemente vinculada

às demais disciplinas tanto teóricas quanto práticas. Introduzir o aluno nas atividades de pesquisa gradualmente e na mesma progressão em que realiza seu curso de graduação é responsabilidade dos professores. Essa tarefa não é fácil, principalmente no seu início. Dessa forma uma última palavra se faz necessária em relação ao trabalho de orientação de monografias.

A ESPECIFICIDADE DA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO TRABALHO DE ORIENTAÇÃO DE MONOGRAFIAS

Grande parte dos alunos que chegam à universidade, vêm de um sistema de ensino que deturpa grosseiramente a concepção de pesquisa, referindo-a a mera cópia de informações sobre o assunto desejado em enciclopédias ou na Internet. A maioria deles não questiona, desconhecem a disciplina de estudo, não têm o hábito da leitura, nem de revistas e jornais e não vão ao cinema e teatro. Assim sendo, inseri-los na prática da pesquisa, ou seja, exigir deles uma atitude de busca e curiosidade em relação ao mundo que o cerca, é tarefa árdua e lenta, que se faz em processos.

A primeira dificuldade se faz presente já logo no momento de escolha de um tema e delimitação de um problema. É muito freqüente o aluno não conseguir escolher um tema para o estudo, fazendo demandas ou queixas do tipo:

- Professora, fala logo sobre o que você quer que eu faça, não fica enrolando não...

Ou:

- Professora, escolhe para mim, eu não sei...

Escolher um tema de seu próprio interesse envolve uma apropriação do desejo de saber e muitas vezes os alunos não são sujeitos do conhecimento, chegam completamente alienados dele, como resultado de uma educação amestradora preocupada em exigir deles o cumprimento de tarefas definidas a priori pelo interesse do professor. Assim a possibilidade de escolha suscitada pela pesquisa muitas vezes causa angústia e essa angústia se expressa às vezes de uma forma equivocada, pois o aluno culpa o professor ou acredita que a disciplina está sendo mal encaminhada ou é sem conteúdo ou objetivo.

Outra consequência de uma educação bancária, ou seja aquela na qual o sujeito não pode ser autônomo e produzir conhecimento, é que na maioria das vezes os alunos não conse-

guem perguntar, ou chegar a formulação de um problema de pesquisa. É muito freqüente que os alunos formulem problemas para os quais já têm respostas certas e garantidas, como em certos exercícios escolares. Assim, muitas vezes o texto de problematização é antes de tudo uma defesa e demonstração de um determinado ponto de vista, ao invés de trazer indagações genuínas acerca de um tema ou realidade a ser investigada.

Assim sendo, o trabalho de orientação de monografia é gradual e exige do professor orientador uma experiência pessoal na produção de conhecimento científico, pois só assim ele poderá auxiliar o aluno na medida exata, entendendo sua angústia, escutando as primeiras elaborações confusas de um problema de pesquisa para delas ajudá-lo a formular sua questão, pois essas formulações, mesmo que confusas e mal esboçadas, já carregam o interesse e desejo do aluno, ainda que mal formulados e muitas vezes nem percebidos. Só ao já ter passado ele próprio por trabalhos de produção de conhecimento o professor conseguirá entender e orientar o aluno nesses momentos. Assim há que se ter paciência e entender que apesar da pesquisa envolver um trabalho de produção de conhecimento, ele não se dá de um dia para o outro. Antes de conseguir produzir conhecimento ou mesmo simplesmente articular as idéias de autores e cotejá-las com a realidade pesquisada, o aluno passa por momentos nos quais simplesmente copia ou compila textos. Mesmo que não seja sua intenção fazê-lo. Sem dúvida isso faz parte do processo, pois é óbvio que não se produz do nada.

Assim sendo o trabalho de orientação é um trabalho que envolve muito o professor e o aproxima sobremaneira do aluno. É quase um trabalho corpo a corpo. Face a face. Envolve e desgasta. Mas produz. Transforma o aluno e o professor. E freqüentemente o aluno só se percebe do caminho percorrido e do conhecimento apropriado no momento final de apresentação da monografia... Na apresentação da monografia muitas vezes estranhamos os alunos, sua postura, sua entonação de voz, sua segurança... É um ritual que aflige os alunos, mas que de alguma forma oficializa todo o percurso e o conhecimento produzido. Socializa o conhecimento.

Por tudo isso o trabalho de orientação não pode ser feito em massa, com turmas com um número elevado de alunos. Ele é um caminhar junto, e caminhar junto envolve corrigir extensos trabalhos escritos todas as semanas, discutir formas de reelaboração de textos, tanto no que se refere a sua coesão e coerência textual, ou seja, questões de português, como discutir questões conceituais e metodológicas. O professor de orientação tem sempre trabalho para fazer em casa... Além do que, divide angústias e aflições, pois uma pesquisa, também já sabemos, quando realizada a partir do interesse genuíno do aluno é sempre resultado de uma

questão que o envolve profundamente. Tal fato muitas vezes suscita emoções e sentimentos que o aluno compartilha com o orientador, que, para além de um professor se torna um aliado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. 3ª edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1995.

BUNGE, Mario. **La investigacion científica**: su estrategia y su filosofia. Barcelona: Ariel, 1976.

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. In: DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1997.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DEMO, Pedro. **Educação e conhecimento**: relação necessária, insuficiente e controversa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia na Universidade**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MINAYO, Ma. Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO UNI-BH.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Antônio Raimundo. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TACHIZAWA, Takesht; MENDES, Gildásio. **Como fazer monografia na prática**. 5. ed. 2000.